

Paródias e Reinvenções: de Aladim a Octávio C.

*Rodrigo Corrêa Martins Machado*¹

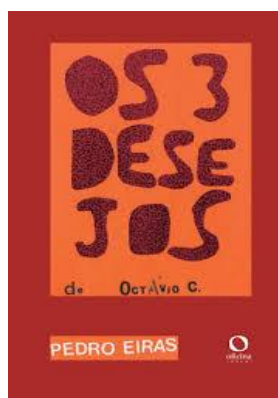
Parodies and reinventions: from Aladdin to Octavio C.

É preciso alimentar a memória. A memória tem um estômago assim... Se a fizer passar fome, ela habitua-se e fica deste tamanho. Depois assim, assim, assim... Até desaparecer. E depois vive-se sem memória, é muito triste, muito triste. (EIRAS, 2012, p. 112)

1

Os três desejos de Octávio C. é uma obra de caráter memorialístico, uma vez que há um narrador em primeira pessoa – Octávio - que narra os acontecimentos que se deram nos últimos quatro dias de sua vida. Estruturalmente, a história se passa em quatro dias e é dividida em cinco partes correspondentes aos desdobramentos da trama: “Prólogo – o avô americano”; “Antepenúltimo dia – Querer é poder”; “Penúltimo dia – A renúncia ao desejo”; “último dia – Cristalizações” e “Epílogo – O óbolo da morte”.

A obra de Pedro Eiras narra a história de um homem comum, funcionário de uma Conservatória (ou um cartório), que recebe de seu avô um único legado, capaz de mudar a sua vida e de toda humanidade: uma lâmpada mágica.



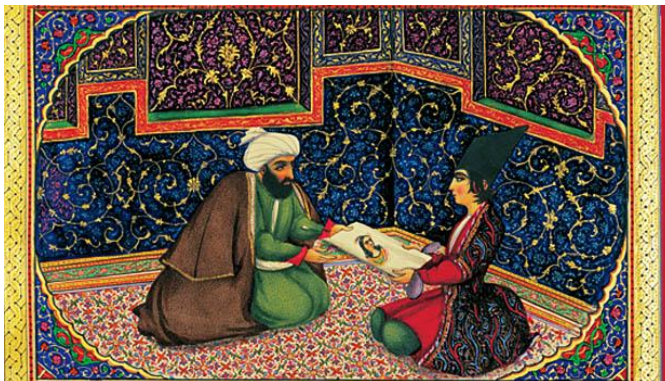
Como o próprio título da obra aponta, o desenvolver da narrativa enfoca os três desejos que o gênio da lâmpada concedeu a Octávio C. e os desdobramentos destas aspirações na vida do próprio narrador, como também de todas pessoas que como ele compartilham a condição de estar no planeta terra.

Octávio C. tem ganas de solucionar, através das realizações de desejos que o gênio lhe proporcionará, o que para ele seriam os problemas que afligem a toda

¹ Doutorando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense. Email para contato: rodrigo.c.machado@hotmail.com

humanidade. Para tanto, em seu primeiro pedido, ele deseja o fim das armas – que em sua mente culminaria com o fim da violência; no segundo pedido, ele anseia pelo desaparecimento do dinheiro – consequentemente de todo egoísmo, falta de amor ao próximo que este elemento causa; e, finalmente, no terceiro desejo, ele aspira ao fim do medo: “Se não tiverem medo, [as pessoas] não precisam de pensar em moldes egoístas. Com este desejo resolvo todos os problemas de uma vez só” (EIRAS, 2012, p. 135).

Na mente do narrador, os desdobramentos de seus pedidos, romanticamente, resolveriam os grandes problemas que pairam sobre a humanidade. Entretanto, o que se vislumbra após a realização dos anseios de Octávio C. demonstra o quão hábil e vil pode ser o homem que diante da falta de armas cria novos instrumentos de violência, que perante o desaparecimento do dinheiro inventa uma nova maneira de gerir e controlar a economia e que, por fim, com o descaminho do medo vê-se livre para ultrapassar os limites socialmente estabelecidos para uma convivência harmônica em sociedade (parricídio e incesto), além de não mais temer a morte, culminando com várias formas de suicídio coletivo.



A obra de Pedro Eiras, inquestionavelmente pós-moderna, desde seu início, pretende retirar o leitor de seu conforto, pois, o próprio autor hesita em classificá-la enquanto “fábula” ou “As tentações no deserto” ou “os três desejos de Octávio C.” ou “Divertimento” ou “Tratado da ingenuidade” ou “Evolução da fauna no Chile” ou ainda “Apesar de todas as minhas crenças e esperanças, um dia acordei niilista e escrevi a seguinte história”. Existem dois elementos que se destacam na confecção desta narrativa, são eles a intertextualidade e a paródia.

No tocante à intertextualidade, Linda Hutcheon (1991, p. 169) destaca que “uma obra literária já não pode ser considerada original; se o fosse, não poderia ter sentido para seu leitor. É apenas como parte de discursos anteriores que qualquer texto obtém sentido e importância”. Logo, *Os três desejos de Octávio C.* dialoga com intertextos que

vão desde Aristóteles, Homero, Heródoto, Plutarco, Freud, Nietzsche (entre outros grandes pensadores), New York Times, a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929, George W. Bush, a luta armada entre Iraque e Palestina, até elementos da cultura pop como Indiana Jones, Alice no país das maravilhas, Sherlock Holmes, Janis Joplin, entre outros.

O outro elemento de destaque na narrativa eiriana é a paródia. Através deste recurso, o autor recorre aos contos de origem árabe que narram as peripécias de um portador da lâmpada mágica (tal qual em “Aladim e a lâmpada mágica”, que está em *As Mil e uma Noites*) para construir uma nova história que contraria as expectativas dos leitores destas narrações clássicas. Nesse caso, parodiar não é somente uma imitação burlesca de contos consagrados, já que, conforme Linda Hutcheon (1991, p. 165), “na verdade, parodiar é sacralizar o passado e questioná-lo ao mesmo tempo”.

Notamos que, ao contrário do que ocorreria em um conto tradicional que tratasse de uma lâmpada mágica e dos desejos que o gênio que ali vive realizaria, a possibilidade de concretizar sonhos, enriquecer, descobrir amores, gozar de todos os prazeres que poderiam ser saciados, não ocorre. Octávio C., personagem principal da narrativa, com todas as intenções de ajudar a melhorar o relacionamento entre pessoas e povos em todo o planeta terra, acaba por destruí-lo e a si próprio.



No decorrer do texto, percebemos que até mesmo aquele que narra, não é absoluto em suas decisões. Isto é, Octávio C. não é um narrador tradicional que vê seus desejos serem realizados e consegue um desfecho romantizado em que todos terminam felizes, ao contrário, a todo o momento ele é questionado em suas ações pelo próprio Gênio da lâmpada, assim como por seus colegas de trabalho, como o Sr. Honório. A autoridade

do narrador lhe é retirada por outros personagens da história. Na esteira de Mikhail Bakhtin, Pedro Eiras construiu uma narrativa em que não há uma voz preponderante sobre as demais, um narrador centralizado, mas vários personagens que clareiam, sempre que possível, suas opiniões e desejos, imprimindo à história certo descentramento e questionamento.

O leitor que percebe no texto eiriano uma paródia quanto aos contos maravilhosos árabes, ao final de *Os três desejos de Octávio C.* se surpreende ao constatar que a narrativa, ao mesmo tempo em que parodia os contos árabes, revisita artisticamente as parábolas bíblicas, como é perceptível na seguinte passagem:

- Aparece-me um gênio a conceder-me desejos e eu devia ter renunciado?
- Ainda acha que nós aparecermos é bom? Olha, imagina que nós só aparecemos para tentar os homens.
- O quê?
- Houve tempos em que nos representaram todos vermelhos, com cornos, a empunhar tridentes. (EIRAS, 2012, p. 179)

No fim da história de Octávio C. há uma razão moral quanto aos desejos de seu narrador e questões na mente dos que leram tal texto: trata-se de uma narrativa nos moldes de Aladin ou de uma parábola? O narrador é póstumo? No fim, mais enigmas do que respostas.

O leitor deve ser perspicaz para compreender que não está a ler somente uma revisitação dos contos árabes de lâmpadas mágicas ou uma parábola (ou fábula), mas uma mistura dos dois gêneros textuais que se embrenham a muitas outras referências externas, como romances policiais, a ironia saramaguiana impressa principalmente em *As Intermittências da Morte*, como a tantos outros referentes.

Que fique claro aos ouvintes que *Os três desejos de Octávio C.* é uma história inconclusa, senão aberta a diferentes percepções. O que a torna ainda mais instigante aos olhos de leitores que gostam de sentir-se desafiados pelo texto lido.

Referências bibliográficas:

EIRAS, Pedro. *Os três desejos de Octávio C.* Rio de Janeiro: Oficinas Raquel, 2012.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção.* Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

Fonte das imagens:

Imagem 1: <http://www.google.com.br/imgres?hl=pt-BR&biw=1024&bih=485&tbn=isch&tbnid=8KYWypzlmKbfM:&imgrefurl=http://www.pipocagigante.com.br/%3Fp%3D28088&docid=e7ICpZAIzVYNQM&imgurl=http://www.pipocagigante.com.br/wp-content/uploads/2012/12/3desejos.jpg&w=1618&h=2480&ei=ieZUUZHiMYTE0gHd4ICYAw&zoom=1&ved=1t:3588,r:0,s:0,i:79&iact=rc&dur=4571&page=1&tbnh=204&tbnw=152&start=0&ndsp=14&tx=93&ty=107> Acesso em 28. Mar. 2013.

Imagem 2: <http://www.google.com.br/imgres?hl=pt-BR&biw=1024&bih=485&tbn=isch&tbnid=5sI3auizewRDHM:&imgrefurl=http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/veja-meus-livros/mil-e-uma-noites-em-um-tuite/&docid=FJPUK96zUFIPUM&imgurl=http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/files/2012/12/mil-e-uma-noites-sherazade-20121130-0059-original.jpg&w=620&h=349&ei=OOdUUdsTiOzSAeK0gegP&zoom=1&ved=1t:3588,r:34,s:0,i:189&iact=rc&dur=1119&page=3&tbnh=147&tbnw=270&start=29&ndsp=14&tx=149&ty=103> Acesso em 28. Mar. 2013.

Imagem 3: http://www.google.com.br/imgres?hl=pt-BR&biw=1024&bih=485&tbn=isch&tbnid=IltLNOQFuZU1 M:&imgrefurl=http://somethingexperimental.blogspot.com/2009/02/as-mil-e-uma-noites.html&docid=9aDBp9JXDPfrpM&imgurl=http://4.bp.blogspot.com/_oFhT1lead4iw/SZf-Z4-LTAI/AAAAAAAAAHg/0hqJDsdEpfQ/s400/As%252Bmil%252Be%252Buma%252Bnoites.jpg&w=343&h=260&ei=OOdUUdsTiOzSAeK0gegP&zoom=1&ved=1t:3588,r:58,s:0,i:261 Acesso em 28. Mar. 2013.

*Recebido em março de 2013.
Aprovado em dezembro de 2013.*